

Mundo das Aves

Encontrado o lendário Mutum-Pinima!

Três exemplares de uma das mais desconhecidas e ameaçadas aves do Brasil foram surpreendentemente encontrados. Surge, com isso, a esperança de conseguir preservar mais um patrimônio nacional

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

Você já viu um fantasma? Provavelmente, não. Mas, há menos de um mês, tive a sensação de ver algo que ninguém pensava ser possível encontrar por aí. Explico o motivo do meu espanto.

Há uma raça geográfica ou subespécie de Mutum-de-Penacho conhecida científica-

mente como *Crax fasciolata pinima*, ou Mutum-Pinima. Essa ave é originária de uma região conhecida como centro Belém, localizada ao sul do rio Amazonas, entre a margem leste do rio Tocantins, no Pará, e o oeste Amazônico do Estado do Maranhão (figura 1). Trata-se de uma das áreas mais importantes de toda a Amazônia. Primeiro, por concentrar uma grande quantidade de espécies de aves e

de outros animais que só são encontrados ali, como o Jacamin-de-Costas-Verdes-Escuras (*Psophia viridis obscura*) e a Ararajuba (*Guarouba guarouba*). Segundo, por ser a região mais ameaçada de completa destruição do meio ambiente original em todo o bioma amazônico – cerca de 80% da floresta nativa já foi destruída (figura 2). A combinação de uma ampla diversidade animal com muitas espécies únicas aliada ao estado crítico de preservação tornam a área do centro Belém uma das mais importantes para estudos em toda a Amazônia.

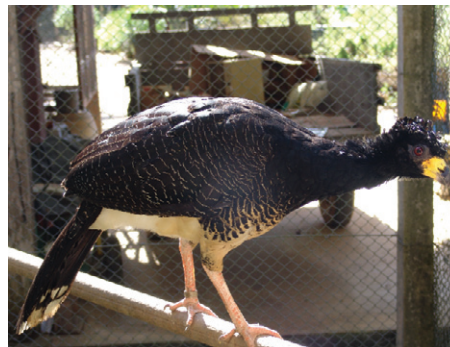
É aí que começa a história do nosso “fantasma”. O Mutum-Pinima foi descrito cientificamente no final do século XIX, com base em uma fêmea coletada não muito longe de Belém. Desde então, só foram coletados cerca de 10 exemplares, em apenas oito localidades, sendo que os últimos foram capturados no final da década de 1970. Há muitos anos, ornitólogos e outros pesquisadores têm procurado, sem sucesso, uma população remanescente dessa ave, considerada hoje uma das mais raras, desconhecidas e ameaçadas do Brasil.

Muitos trabalhos de campo na região de ocorrência do Mutum-Pinima falharam em encontrá-lo. Atualmente, ele pode ser considerado provavelmente extinto no Pará, com alguma esperança, muito tênue, de ainda sobreviver em algum lugar do Maranhão, como na Reserva Biológica do Gurupi. Ou seja, tornou-se quase uma lenda. Só não chegou a esse ponto por causa dos exemplares depositados em museus, provas de que a ave real-

Fotos: arquivo do autor



Mutum-Pinima fêmea





Mutum-de-Penacho fêmea: cores diferentes no tope e no bico

mente existiu, o que não acontece com o Boitatá nem com a Mula-sem-Cabeça.

E como reconhecer um Mutum-Pinima? Sem dúvida, as estrias e a coloração geral da plumagem da fêmea lembram imediatamente, até para o mais desavisado observador, o parentesco com o Mutum-de-Penacho (*Crax fasciolata fasciolata*), amplamente distribuído pelo interior do Brasil. Mas, olhando atentamente, vemos que a fêmea do Mutum-Pinima é muito mais escura, com as estrias muito estreitas e praticamente ausentes na região da cauda. E o tope das fêmeas Mutum-Pinima é bastante distinto daquele das Mutum-de-Penacho (veja fotos). Já os machos de Pinima, ao contrário das fêmeas, dificilmente podem ser diferenciados daqueles de Mutum-de-Penacho. Entretanto, são todas informações que tiveram origem nos espécimes existentes em museus. As fotografias apresentadas aqui são as primeiras de um Mutum-Pinima vivo. Observar exemplares vivos é importante porque muitas características podem se perder ao preparar um exemplar para estudo nas coleções científicas. Veja que as cores no bico das duas variedades também são diferentes.

E como esse “fantasma” foi encontrado? Há alguns meses recebi uma mensagem de um criador de aves de Santa Catarina comentando a respeito de duas fêmeas e um macho de Mutum “um pouco diferentes”, que ele

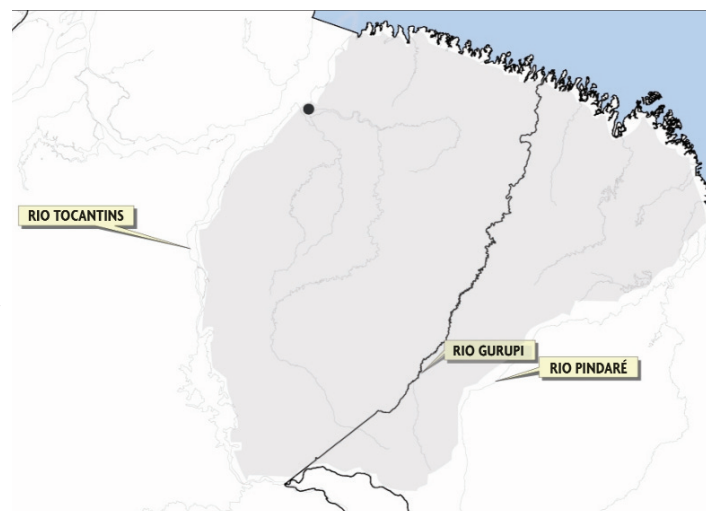


FIGURA 1. Centro Belém, definido como a área entre o leste do rio Tocantins, no Pará e o oeste do Estado do Maranhão. Os pontos representam as capitais dos Estados do Pará e do Maranhão, respectivamente.

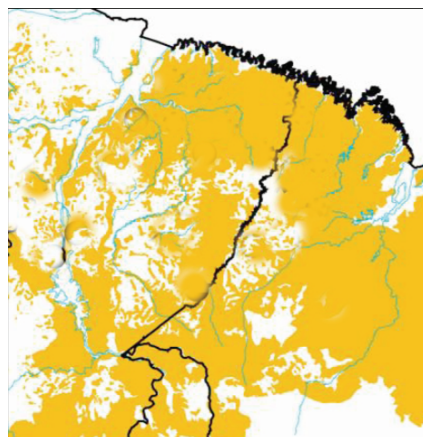



FIGURA 2. Desmatamento (em laranja, dados de 2004) observado no centro Belém.

recebera recentemente do Ibama para compor seu plantel. Felizmente, fotografias foram anexadas e eu quase caí da minha cadeira quando vi o “fantasma”. Duas fêmeas e um macho de *Crax fasciolata pinima*! E em Santa Catarina! Eram notícias absolutamente improváveis. Pouco tempo depois eu já me encontrava dentro do criadouro analisando as aves, medindo-as e retirando amostras de sangue para estudos genéticos. Agora, esse terno (grupo constituído por um macho e duas fêmeas) está sendo manejado em separado das outras aves ali existentes, na expectativa de que se reproduza ainda neste ano. Até onde pudemos saber, aqueles exemplares são os únicos Mutum-Pinima conhecidos em cativeiro. A importância e relevância desse encontro ficam ainda maiores quando se imagina quanta coisa poderia ter dado errado. Por exemplo, o terno poderia ter sido desfeito e encaminhado para diferentes criadouros. Ou as três aves poderiam

ter sido colocadas para se reproduzir com o Mutum-de-Penacho, gerando híbridos. Ou, ainda, os exemplares poderiam ter continuado em cativeiro sem ninguém se dar conta da “diferença” deles.

Essa história mostra que “fantasmas” podem ser encontrados até nos locais e nas situações menos prováveis. Entretanto, o fato mais relevante e que me motivou a escrever é perceber a importância da livre interação entre criadores de aves e pesquisadores. Nem sempre as duas partes conversam entre si e, sem a troca de informações, um achado incrível como esse poderia não ter acontecido e, conseqüentemente, não teria surgido o trabalho conjunto para a conservação dessa ave tão desconhecida e ameaçada de desaparecer para sempre. A criação legalizada de aves, com finalidade comercial ou não, é certamente uma atividade importante que traz benefícios inegáveis para a pesquisa, para o conhecimento e para a conservação das aves brasileiras, como no caso do “fantasma” Mutum-Pinima. Essa ave tão rara e desconhecida tem agora uma pequena chance de sobreviver em cativeiro e, quem sabe, no futuro, retornar a áreas protegidas no que resta do seu habitat original. 

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.